

**CÍRCULO DE CULTURA: LOS DESAFÍOS DE ENSEÑAR Y APRENDER A  
VIVIR**

**A reforma do pensamento e a educação emancipadora**

Cleide Rita Silvério de Almeida

Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE

São Paulo – Brasil

Este trabalho apresenta um estudo sobre a aproximação e possível relação entre a proposta educacional de Paulo Freire e o pensamento complexo de Edgar Morin, estabelecendo pontes entre esse dois autores. Busca entrelaçar uma visão libertária da educação com a concepção do ser humano como sujeito inacabado e em processo de auto-eco-organização, investigando de que maneira extrair daí fundamentos para uma nova postura relativa à epistemologia e à prática educacional.

As interfaces entre essas duas vertentes educacionais: a pedagogia crítica e libertadora e a complexidade serão analisadas no contexto deste trabalho, considerando principalmente as idéias nucleares apresentadas no livro *Pedagogia da Autonomia* de Freire e *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* de Morin.

Apresentar pontos comuns ou de aproximação entre dois pensadores não significa querer reforçar um pelo pensamento do outro, mas compreender e situar suas idéias a partir do contexto que as engendraram, compreendendo que eles possuem trajetórias e inserção histórica diferentes: Morin na França, continente europeu e Paulo Freire no Brasil, continente latino-americano. São dois pensadores de grande envergadura com uma produção teórica significativa, traduzida em várias línguas, o que confere aos dois um grande alcance de suas idéias.

O teor deste trabalho não é buscar aproximações pelas convergências, mas perceber os problemas que animaram estes pensadores. E quando aplicamos aos dois a palavra “pensadores”, já vale uma ressalva na medida em que “pensadores” nos remete a alguém que pensa, que tem idéias, o que é uma premissa que vale para os dois, mas que é insuficiente na medida em que eles também podem ser vistos como dois grandes “atuadores” ou “realizadores” em seu tempo e dos problemas vividos em sua época. Movimento de reflexão entranhado na ação e, desta extraindo novos temas para reflexão numa espiral contínua.

Paulo Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921 no Recife, nordeste do Brasil, e faleceu em 2 de maio de 1997. Morin nasceu no dia 8 de julho de 1921 em Paris. Embora o contexto considerado por Freire como ponto de partida para sua reflexão seja o Brasil, suas idéias extrapolaram o cenário nacional e o próprio âmbito da educação, alcançando eco e indo ao encontro dos povos oprimidos. Morin ao cultivar uma curiosidade itinerante, apresenta uma crítica ao pensamento simplificador, unidimensional e especializado que não é capaz de fazer frente aos desafios cada vez mais complexos e globais, atingindo todos que se preocupam em refletir e trabalhar para um mundo melhor.

Quais as preocupações centrais que podemos identificar em suas obras? Quais as perspectivas que eles apontam para a educação? Apesar de indagar sobre as questões centrais em suas obras, trabalho com a hipótese de leitura de que elas podem ser resgatadas, pelo menos de uma maneira sintetizada, nas obras *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, de Freire e *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* de Morin, pois apresentar uma análise sobre o conjunto da obra dos dois pensadores não é o objetivo deste trabalho que tem um

caráter pontual e, também porque esta é uma tarefa que exige um amplo programa de pesquisa.

Um ponto de partida a ser considerado é que ambos referem-se a saberes necessários. E para compreendermos o que são esses saberes, apresento um quadro que sintetiza os pontos desenvolvidos nas duas obras.

Freire apresenta três grandes eixos, sub-dividindo-os em nove sub-temas. São eles:

1. Não há docência sem discência
  - 1.1 Ensinar exige rigorosidade metódica
  - 1.2 Ensinar exige pesquisa
  - 1.3 Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos
  - 1.4 Ensinar exige criticidade
  - 1.5 Ensinar exige estética e ética
  - 1.6 Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo
  - 1.7 Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação
  - 1.8 Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática
  - 1.9 Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural
2. Ensinar não é transferir conhecimento
  - 2.1 Ensinar exige consciência do inacabamento
  - 2.2 Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado
  - 2.3 Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando
  - 2.4 Ensinar exige bom senso

- 2.5 Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores
- 2.6 Ensinar exige apreensão da realidade
- 2.7 Ensinar exige alegria e esperança
- 2.8 Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível
- 2.9 Ensinar exige curiosidade

### 3. Ensinar é uma especificidade humana

- 3.1 Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade
- 3.2 Ensinar exige comprometimento
- 3.3 Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
- 3.4 Ensinar exige liberdade e autoridade
- 3.5 Ensinar exige tomada consciente de decisões
- 3.6 Ensinar exige saber escutar
- 3.7 Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica
- 3.8 Ensinar exige disponibilidade para o diálogo
- 3.9 Ensinar exige querer bem aos educandos

Morin apresenta sete saberes que se constituem muito mais em desafios e proposições para a reflexão do que uma receita técnica.

- 1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão
- 2. Os princípios do conhecimento pertinente
- 3. Ensinar a condição humana
- 4. Ensinar a identidade terrena

5. Enfrentar as incertezas
6. Ensinar a compreensão
7. A ética do gênero humano

Morin e Freire trazem considerações de fundo para nos ajudar a pensar a educação e, mesmo que cada um seja identificado teoricamente de uma maneira própria, temos nestas posturas uma concepção de conhecimento que enfatiza a problematização e a reproblemática de quem se interroga movido pela curiosidade e inquietação, a importância da contextualização das questões e a visão multirreferencial que ultrapassa a disciplinaridade. Neste sentido parece-me que a questão do método, da dialogia e da esperança é um dos ângulos que permite construir este encontro.

As idéias propostas pelos dois como saberes necessários, nos mostram que precisamos ter acesso a um conhecimento capaz de contextualizar e estabelecer conexões múltiplas, mobilizando a diversidade.

Estas idéias ao mesmo tempo que mobilizam nossa reflexão, trazem subjacente uma crítica e uma denúncia . O que percebemos é que a escola, em seus diferentes níveis, oferece um conhecimento fragmentado, sem vínculos entre as partes e o todo, e o todo e as partes. Operou-se uma ruptura tão forte que no lugar de um ambiente instigante de desafios, iniciativa e criatividade, a escola tem apresentado um pensamento uniforme, indiferente ao contexto e ao processo. Afastada do movimento que é intrínseco ao próprio ato de pensar, o complexo de relacionamentos e significados se dilui, e em vez de promover um grande diálogo entre os saberes, erguem-se muros e fronteiras disciplinares, que isoladas, não são capazes de produzirem sentido.

São idéias que entram num diálogo profundo, pontuando o inacabamento do ser humano e, portanto nos mostrando que como nossa condição não é predeterminada,

temos uma profunda responsabilidade nesta construção. Vale trazer como ilustração algumas passagens para dar voz aos dois autores. Primeiro apresento uma passagem do livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, em que Freire nos coloca:

*“ Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade”* (p. 58/9).

*“Hoje, a nossa necessidade histórica é de encontrar um método que detecte e não que oculte as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências, as complexidades”* (Morin – Método I, p.29).

*“Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe.*

*O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo.(...) Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. (...), aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende.”* (Paulo Freire *Extensão ou Comunicação?* p. 27/8)

*“A primeira finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia.*

*O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe*

dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de:

- uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas;
- princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido” (Morin, A Cabeça Bem-Feita, p.21)

A responsabilidade do ensino nos tempos atuais passa por esse diálogo entre os saberes, procurando superar um tipo de ensino tradicional e prescritivo, no sentido de uma educação bancária tal como apresenta Freire ou de uma cabeça cheia como nos fala Morin. A crítica é dirigida ao cenário educacional que expressa rigidez e possivelmente relações ocas, desprovidas de curiosidade, instalando uma burocracia pedagógica cotidiana com seus rituais petrificados.

Ensinar é um processo dinâmico em que é mais importante construir pontes e trabalhar a partir das dúvidas. Esta atitude é também formadora e preparadora de um cidadão que percebe que os seus compromissos hoje são os de um cidadão planetário que é capaz de interagir com o mundo e com a sua cultura, tendo como finalidade construir uma cosmovisão ética, cooperativa e plural.

Freire e Morin constróem um olhar processual sobre a realidade, numa postura dialética e dialógica fecundada pela diversidade dos saberes e suas várias formas de expressão. Este movimento de interlocução constante é que permite a inteligibilidade da complexidade do real. Eles demonstraram isso em suas próprias vidas, que sempre estiveram intimamente conectadas com as suas produções.

## **Referências Bibliográficas**

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1971.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

MORIN, Edgar. Cabeça Bem feita. Rio de Janeiro : Bretrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Método I. Porto Alegre : Sulinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo : Cortez, 2004.